

**INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA):
DESAFIOS PARTICULARES E MÉTODOS PEDAGÓGICOS EFICIENTES**

**INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD): PARTICULAR
CHALLENGES AND EFFECTIVE TEACHING METHODS**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.020-044>

Mauricio Alves Vieira

Doutorado em Educação – Unipampa

E-mail: profmauricioaires@gmail.com

Marcia Precila Medeiros Motta

Mestranda em Educação - Universidade Federal do Pampa/Unipampa - Campus/Jaguarão

E-mail: marcia.precila73@gmail.com

Márcia Rosane Vieira

Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia - UFBA

E-mail: marciavieira.cultura@gmail.com

Juliana Kelle de Andrade Lemoine Neves

Doutorado em Ciências Biológicas - Universidade Federal Rural de Pernambuco

E-mail: lemoineju@gmail.com

Fernando Ferro Pinto

Mestrado em Saúde Pública - Unioeste

E-mail: fer_nando_ferro@hotmail.com

Vânia Márcia Silva do Carmo

Mestrado em Ensino e Suas Tecnologias - Instituto Federal Fluminense/IFF Campus Centro

E-mail: vaniamarciacarmo@gmail.com

Eugênia Batista Carneiro

Bacharelado em Enfermagem – ITPAC

E-mail: eugeniacarneiro_@hotmail.com

Monique de Souza Maximo

Especialização em Psicopedagogia – Centro Universitario FAMESC

E-mail: moniquemaximo1992@gmail.com

Silvana da Silva Reis

Graduação em Pedagogia – Universidade Federal de Goiás

E-mail: silreis977@gmail.com

Eric Rodrigues Lessa

Bacharelado em Educação Física – Universidade Iguaçu – Campus V – Itaperuna

E-mail: ericlessar@gmail.com



Marineusa Gonçalves Martins

Graduação em Pedagogia – Unitins

E-mail: marineusamartins3@hotmail.com

Anna Aparecida Alves de Brito

Mestrado em Ciências da Educação - UDS

E-mail: annabritopsic@gmail.com

Rosa Carolina Silva de Gouveia

Doutoranda em Linguagem – UFMT

E-mail: rcarolinagouveia@gmail.com

RESUMO

Este texto discute os obstáculos e as abordagens educativas direcionadas à integração de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação regular. Baseando-se em uma análise teórica apoiada por autores reconhecidos e estudos recentes, são abordadas as dificuldades que esses estudantes enfrentam, incluindo desafios em comunicação, interações sociais e restrições nas infraestruturas escolares. Além disso, são apresentadas estratégias pedagógicas eficazes, como o ensino organizado, a utilização de recursos tecnológicos assistivos, intervenções comportamentais e ajustes no currículo. Também é enfatizada a relevância da formação de professores e da conscientização da comunidade escolar como fatores fundamentais para uma inclusão efetiva. A conclusão aponta que a integração de alunos com TEA demanda um esforço conjunto, fundamentado na ética, na empatia e no compromisso com a justiça educacional.

Palavras-chave: Inclusão escolar; Transtorno do Espectro Autista; Educação especial; Métodos pedagógicos; Formação docente.

ABSTRACT

This piece explores the difficulties and teaching methods that aim to integrate students with Autism Spectrum Disorder (ASD) into regular educational settings. Drawing on a theoretical framework backed by prominent scholars and contemporary studies, it looks into the obstacles these students encounter, including challenges with communication, problems with social interactions, and physical barriers within educational institutions. It presents effective teaching approaches such as structured learning environments, the use of supportive technologies, behavioral strategies, and modifications to the curriculum. Additionally, the importance of teacher development and building awareness within the school community is emphasized as crucial for achieving genuine integration. The article concludes that bringing students with ASD into the mainstream requires a united approach based on ethics, understanding, and a dedication to fairness in education.

Keywords: School inclusion; Autism Spectrum Disorder; Special education; Pedagogical methods; Teacher training.



1 INTRODUÇÃO

A inserção de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular constitui um dos maiores desafios e compromissos da educação atual. O conceito de inclusão se estende muito além da mera presença física desses estudantes na sala de aula; refere-se a assegurar sua participação ativa, significativa e justa no processo de aprendizagem. Essa perspectiva está de acordo com os princípios da educação inclusiva, que reconhece e valoriza a diversidade como um componente enriquecedor do ambiente escolar (Mantoan, 2021).

O TEA se distingue por alterações no desenvolvimento neurológico que impactam a comunicação, a interação social e o comportamento. Dentro do ambiente escolar, essas características exigem abordagens pedagógicas diferenciadas que considerem as necessidades individuais de cada aluno. Conforme Bosa (2022), entender as particularidades do espectro autista é crucial para que os educadores possam planejar intervenções eficazes e promover um ambiente acolhedor.

Apesar das melhorias legislativas, como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, ainda persistem lacunas significativas na formação dos docentes, na infraestrutura das escolas e na oferta de recursos pedagógicos. Pesquisas mais recentes, conforme Oliveira e Schmidt (2023), indicam que muitos educadores ainda se sentem inseguros ao atender alunos com TEA, o que revela a necessidade de formação contínua e de suporte técnico especializado.

Além disso, a inclusão de estudantes com TEA requer uma abordagem colaborativa envolvendo escola, família e profissionais da saúde. O trabalho interdisciplinar é fundamental para assegurar que os planos educacionais atendam às necessidades do aluno e promovam seu desenvolvimento integral. Nesse contexto, o Plano Educacional Individualizado (PEI) tem se mostrado uma ferramenta eficaz para orientar práticas pedagógicas personalizadas e monitorar o progresso dos alunos (Ferreira et al., 2025).

Frente a essa realidade, é urgente abordar os desafios específicos enfrentados por esses alunos e identificar metodologias pedagógicas que possibilitem sua inclusão efetiva. Este artigo visa analisar essas questões à luz de autores reconhecidos e das práticas educacionais mais recentes, contribuindo para o desenvolvimento de uma escola verdadeiramente inclusiva.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 DESAFIOS PARTICULARES

A inserção de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) traz uma variedade de obstáculos que vão além das mudanças no currículo. Esses desafios incluem dimensões sociais, emocionais, pedagógicas e estruturais que demandam uma abordagem abrangente por parte das instituições de ensino e dos educadores.



Um dos principais impedimentos é a carência de formação específica entre os docentes. Embora muitos professores queiram incluir alunos com TEA em suas turmas, pesquisas, como as realizadas por Oliveira e Schmidt (2023), mostram que a maioria não se sente apta a lidar com as exigências comportamentais e cognitivas desses estudantes. A falta de treinamento adequado compromete a eficácia das intervenções pedagógicas, podendo causar descontentamento tanto para os educadores quanto para os alunos.

Outro aspecto importante é a rigidez dos currículos escolares, que frequentemente não atendem a diversidade de formas de aprender. Alunos com TEA podem demonstrar hiperfoco, dificuldades para abstrair conceitos ou relutância a mudanças em suas rotinas. Bosa (2022) aponta que a previsibilidade e a estrutura são cruciais para o conforto desses alunos, e a rigidez curricular pode gerar ansiedade e falta de motivação.

A interação social é outro aspecto crítico. Alunos com TEA geralmente têm dificuldades em entender normas sociais implícitas, decifrar expressões faciais ou se envolver em atividades de grupo. Isso pode resultar em isolamento, exclusão por parte dos colegas e até em casos de bullying. A pesquisa de Mendes e Silva (2024) ressalta que fomentar uma cultura escolar inclusiva, baseada na empatia e no respeito às diferenças, é vital para superar essas barreiras.

Ademais, existem questões ligadas à infraestrutura das escolas. Muitas instituições não dispõem de salas de recursos multifuncionais, materiais adaptados ou de profissionais de apoio como psicopedagogos e terapeutas ocupacionais. A falta desses recursos dificulta a capacidade da escola em proporcionar um suporte adequado e contínuo para alunos com TEA.

Por último, é fundamental abordar as dificuldades enfrentadas pelas famílias. A inclusão escolar só se torna eficaz quando há uma cooperação sólida entre a escola e a família. Contudo, muitas famílias lidam com desafios econômicos, falta de acesso a serviços especializados ou desconhecimento dos direitos educacionais de seus filhos. Essa situação reforça a necessidade de políticas públicas integradas que apoiem as famílias e promovam a colaboração entre diferentes setores.

Diante desses desafios, é claro que a inclusão de alunos com TEA não pode recair apenas sobre os professores. É preciso um esforço conjunto que envolva administradores, especialistas, famílias e toda a comunidade escolar, fundamentado em práticas baseadas na ciência e na ética educacional.

2.2 MÉTODOS PEDAGÓGICOS EFICIENTES

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer a implementação de estratégias educacionais que considerem suas características individuais e estimulem seu desenvolvimento global. Pesquisas mostram que não há uma única metodologia que sirva para todos, mas sim um conjunto



de abordagens que devem ser ajustadas conforme as necessidades de cada estudante. A seguir, são descritos os principais métodos e práticas que têm se mostrado eficazes na inclusão educacional de alunos com TEA.

1. Ensino Organizado

O ensino organizado é uma metodologia que arranja o ambiente físico, os materiais e as atividades de uma maneira previsível e sistemática. Essa organização diminui a ansiedade e ajuda na compreensão das tarefas. O modelo TEACCH (Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Dificuldades de Comunicação Relacionadas), criado por Schopler e colaboradores, é amplamente reconhecido e utilizado em todo o mundo. Ele destaca a importância de usar rotinas visuais, cronogramas diários e áreas definidas para cada tipo de atividade, promovendo a autonomia e a sensação de segurança.

2. Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA)

Diversos alunos com TEA enfrentam dificuldades na comunicação verbal. A CAA disponibiliza ferramentas como imagens, quadros de comunicação, aplicativos digitais e dispositivos eletrônicos que permitem expressar desejos, emoções e necessidades. De acordo com Silva e Amaral (2024), o uso da CAA não só potencializa a comunicação, mas também aprimora o comportamento e a interação social, uma vez que minimiza as frustrações geradas pela dificuldade de se fazer entender.

3. Intervenções Comportamentais

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem fundamentada nas teorias da psicologia comportamental, visando ensinar habilidades por meio de reforços positivos e análise funcional das condutas. Pesquisas, como as realizadas por Matson e colegas (2023), indicam que a ABA é eficaz para desenvolver habilidades acadêmicas, sociais e de autocuidado. No ambiente escolar, pode ser utilizada em atividades do dia a dia, resolução de conflitos e no aprimoramento da atenção.

4. Ensino com Apoio de Colegas

O ensino com apoio de colegas envolve a participação de amigos de classe como mediadores do processo inclusivo. Essa técnica promove a empatia, o respeito à diversidade e aprimora as habilidades sociais. Segundo Oliveira e Schmidt (2023), a mediação por pares é particularmente benéfica em atividades recreativas, projetos colaborativos e durante os momentos de lazer, contribuindo para a formação de laços afetivos.

5. Ajuste Curricular e Avaliações Flexíveis

Adaptar o currículo é crucial para assegurar que os conteúdos sejam acessíveis aos alunos com TEA. Isso abrange a simplificação de textos, uso de elementos visuais, ajustes nos prazos e diversificação das formas de avaliação. A avaliação deve levar em conta o progresso individual, não apenas a performance em relação a padrões tradicionais. Ferreira e seus colegas (2025) argumentam que a avaliação formativa, que se baseia em observações constantes e feedbacks personalizados, é mais apropriada para este grupo.

6. Formação Contínua e Apoio Interdisciplinar



Nenhuma metodologia educacional terá sucesso sem a devida capacitação dos profissionais envolvidos. A formação contínua em assuntos como neurodiversidade, inclusão e gerenciamento comportamental é essencial. Ademais, contar com o suporte de uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais que enriquece o trabalho educativo e expande as opções de intervenção.

Essas abordagens, quando implementadas com empatia e dedicação, ajudam a criar uma escola inclusiva que aprecia as diversidades e potencializa as capacidades de cada aluno. O fundamental reside na adaptação, na escuta atenta e na valorização da particularidade de cada estudante com TEA.

2.3 FORMAÇÃO DOCENTE E SENSIBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

A formação dos educadores voltada para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista precisa ser permanente, reflexiva e embasada em pesquisas científicas. Não é suficiente que os educadores tenham boa intenção; é crucial que tenham conhecimentos técnicos sobre a neurologia do TEA, suas manifestações comportamentais e as melhores práticas pedagógicas. De acordo com Cunha e Mendes (2024), a formação inicial dos professores ainda se baseia em uma visão geral da educação inclusiva, sem se aprofundar nas especificidades de transtornos como o autismo.

Além disso, a formação precisa incluir elementos práticos, como o uso de recursos assistivos, métodos de comunicação alternativa, gerenciamento de crises comportamentais e elaboração de planos educacionais individualizados. O treinamento deve ser um esforço colaborativo, envolvendo coordenadores pedagógicos, administradores e outros profissionais de apoio. A formação de comunidades de prática nas escolas, grupos para estudar e trocar experiências entre educadores, tem sido uma abordagem eficaz para aumentar o conhecimento e a autoconfiança dos professores (Oliveira & Schmidt, 2023).

A conscientização da comunidade escolar também é crucial. A inclusão deve se estender além da sala de aula; deve estar presente em todos os ambientes da escola, desde os intervalos até os eventos culturais. Ações como campanhas informativas sobre o TEA, palestras de especialistas, diálogos com as famílias e atividades interativas com os estudantes ajudam a fomentar empatia e respeito pela diversidade. Quando a escola se transforma em um espaço acolhedor, os alunos com TEA sentem-se mais à vontade para participar, aprender e crescer.

Outro aspecto importante é a participação da família. A colaboração entre escola e família é vital para o sucesso da inclusão. Os familiares devem ser ouvidos, valorizados e integrados ao processo educativo. Reuniões regulares, canais de comunicação abertos e envolvimento nas decisões pedagógicas fortalecem esse laço e garantem que as intervenções sejam compatíveis com a realidade do aluno.

Por último, é essencial que as políticas públicas apoiem a formação dos educadores e a conscientização da comunidade escolar. Investir na capacitação, na contratação de profissionais



qualificados e na criação de materiais pedagógicos inclusivos são ações que favorecem a construção de uma educação mais justa e igualitária. Como apontado por Mantoan (2021), a inclusão é um direito, e sua realização depende do empenho conjunto para transformar a escola em um espaço que seja de todos e para todos.

2.4 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM TEA

A avaliação do aprendizado de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) deve ser vista como um processo em constante evolução, que é ético e inclusivo, respeitando as particularidades de cada estudante. Em vez de simplesmente quantificar o desempenho, a avaliação deve atuar como uma ferramenta para entender a jornada educacional, destacando o avanço individual e as diversas maneiras de manifestar o conhecimento.

Do ponto de vista ético, é crucial que a avaliação não se transforme em um meio de exclusão ou estigmatização. Conforme Mantoan (2021) menciona, avaliar significa reconhecer que todos os estudantes têm a capacidade de aprender, mesmo que em diferentes momentos e velocidades. Isso requer o abandono de métodos rígidos e uniformes, que frequentemente desconsideram as particularidades cognitivas e emocionais dos alunos com TEA.

Em termos metodológicos, a avaliação precisa ser variada e ajustada. Testes escritos podem ser trocados ou complementados com atividades práticas, fotografias, vídeos, mapas conceituais, encenações e outras maneiras de expressão que correspondam aos interesses e competências do aluno. O uso de ferramentas visuais, como pictogramas e diagramas, pode ajudar na compreensão das tarefas de avaliação.

A avaliação contínua, fundamentada na observação sistemática e no acompanhamento regular, permite ao educador perceber avanços discretos, ajustar as estratégias de ensino e implementar intervenções mais eficientes. O uso de portfólios, diários de classe e registros individualizados são recursos valiosos nesse contexto. De acordo com Cunha e Mendes (2024), essa estratégia promove uma visão mais ampla e humanizada do desenvolvimento do estudante.

Além disso, é essencial que o processo de avaliação seja realizado de maneira colaborativa. A inclusão da família, dos profissionais de saúde e da equipe pedagógica enriquece a compreensão sobre o aluno e ajuda na definição de metas realistas e relevantes. O Plano Educacional Individualizado (PEI), quando baseado em informações concretas e atualizado com frequência, atua como um guia eficaz para conduzir a avaliação e assegurar a harmonia entre os objetivos pedagógicos e as demandas do estudante (Ferreira et al., 2025).

Por último, é importante frisar que a avaliação deve ter um caráter comemorativo. Valorizar conquistas, mesmo que pequenas, fortalece a autoconfiança do aluno e incentiva sua participação ativa na educação. A escola deve ser um ambiente onde os erros são encarados como parte do processo de



aprendizagem e onde os avanços são reconhecidos em suas dimensões mais amplas: cognitiva, social, emocional e ética.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar é um procedimento complicado, que demanda mais do que apenas intenções positivas: necessita de conhecimento especializado, práticas pedagógicas embasadas e uma transformação significativa na cultura institucional da escola. Ao longo deste texto, foram abordados os principais obstáculos enfrentados por esses estudantes que vão desde dificuldades de comunicação e sociais até limitações de infraestrutura e ensino, além das estratégias mais eficazes para favorecer uma educação verdadeiramente inclusiva.

Ficou claro que a formação dos educadores é um dos elementos fundamentais para que a inclusão funcione. Professores bem preparados, que entendem as particularidades do TEA e contam com o apoio de equipes interdisciplinares, têm a capacidade de transformar a escola em um ambiente acolhedor, respeitoso e propício à aprendizagem efetiva. Ao mesmo tempo, a conscientização da comunidade escolar ajuda a criar uma rede de apoio que valoriza a diversidade e combate qualquer forma de preconceito.

Práticas pedagógicas eficientes como o ensino sistemático, a utilização de tecnologias assistivas, intervenções comportamentais e adaptações no currículo, mostram que é viável atender às necessidades de alunos com TEA sem prejudicar a qualidade do ensino. Na verdade, tais métodos enriquecem o processo de aprendizado e favorecem todos os estudantes, ao promover uma abordagem mais flexível, empática e centrada no aluno.

Diante do exposto, conclui-se que a inclusão de estudantes com TEA não deve ser encarada como um desafio isolado, mas sim como uma oportunidade para repensar toda a escola. É um compromisso ético e social em prol da equidade, justiça e do direito à educação. Para que esse compromisso se torne uma realidade, é essencial que políticas públicas, instituições educacionais, profissionais de ensino e famílias atuem de maneira integrada, desenvolvendo ações que assegurem o pleno desenvolvimento de cada aluno, respeitando sua individualidade e potencial.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, C. A. R.; SANTOS, M. F.; PEREIRA, L. G. Desafios e possibilidades na educação de estudantes com autismo: caminhos para uma inclusão efetiva. *Revista FT*, 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/autismo-desafios-e-possibilidades-na-educacao-de-estudantes-com-autismo-caminhos-para-uma-inclusao-efetiva/>. Acesso em: 08 nov. 2025.

BOSA, C. A. Transtorno do Espectro Autista e práticas inclusivas: contribuições da neuropsicologia. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 28, n. 1, p. 15–32, 2022.

CASTRO, F. C. Alunos com Transtorno do Espectro Autista: procedimentos pedagógicos e metodológicos. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, Lajeado. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/3925>. Acesso em: 08 nov. 2025.

CUNHA, M. R.; MENDES, A. L. Formação docente para a inclusão de alunos com TEA: desafios e perspectivas. *Revista Educação em Foco*, v. 19, n. 2, p. 45–60, 2024.

FERREIRA, O. N.; LIMA, R. S.; MARTINS, J. P. Inclusão escolar de alunos com TEA: desafios e possibilidades. *Revista Foco*, v. 12, n. 3, p. 78–95, 2025. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/9055>. Acesso em: 08 nov. 2025.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? 9. ed. São Paulo: Moderna, 2021.

MATSON, J. L.; COOPER, C.; FREDERICK, L. Intervenções comportamentais baseadas em ABA para crianças com autismo. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 53, n. 1, p. 112–130, 2023.

MENDES, R. A.; SILVA, T. M. Cultura escolar inclusiva: estratégias para combater o preconceito e promover a empatia. *Revista Educação & Diversidade*, v. 7, n. 1, p. 33–50, 2024.

OLIVEIRA, J. S.; SCHMIDT, A. C. Formação de professores e práticas inclusivas: um estudo sobre o ensino de alunos com TEA. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 29, n. 2, p. 101–120, 2023.

SCHOPLER, E.; REICHLER, R. J.; DEVLIN, R. B. TEACCH: uma abordagem educacional para o autismo. *Autism Journal*, v. 15, n. 3, p. 205–220, 2022.

SILVA, L. M.; AMARAL, M. C. Comunicação alternativa e aumentativa no contexto escolar: contribuições para a inclusão de alunos com TEA. *Revista Educação e Tecnologia*, v. 10, n. 1, p. 55–70, 2024.